



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO**

YAN VICTOR ALVES CAVALCANTE

HISTÓRIA DO JORNALISMO BRASILEIRO

RESENHA DO LIVRO: HIROSHIMA – DE JOHN HERSEY

**FORTALEZA – CE
2019**

Um Clarão Silencioso – O triste retrato do horror nuclear

Yan Victor Alves Cavalcante¹

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Nós sabíamos que o Mundo não mais seria o mesmo. Uns poucos riram, poucos outros choraram. A maioria estava silenciosa. Eu relembrei uma linha do texto religioso Hindu, o *Bhagavad Gita*; Vishnu está tentando persuadir o príncipe a cumprir seus deveres e, para impressioná-lo, assume sua forma de muitos braços e fala, 'Agora me tornei Morte, o destruidor de mundos.' Eu acho que todos nós pensamos nisto, de uma forma ou de outra. (OPPENHEIMER, 1965)²

No dia 6 de agosto de 1945, o mundo mudou de uma maneira tão brusca quanto terrível: esta data marca o primeiro dos dois únicos usos militares de um dispositivo nuclear em guerra. Algo entre 3 e 4 de cada 10 pessoas na cidade japonesa de Hiroshima neste dia morreram ante a fúria destrutiva da bomba atômica, e um número similar sobreviveu apenas para conviver com o horror das queimaduras, do choque e do envenenamento radioativo. Um número assombroso, que se torna ainda pior diante de outro fato: a maior parte das vítimas era composta de civis, incluindo um número não insignificante de crianças.³

Este horror teve suas raízes antes mesmo dos Estados Unidos da América terem oficialmente entrado na Segunda Guerra Mundial, em 9 de outubro de 1941, com a criação do Projeto Manhattan por parte do então presidente estadunidense Franklin Roosevelt, que culminou no teste de um protótipo de até então nunca visto poder destrutivo no deserto do Novo México. Vendo o poder avassalador da nova arma, J. Robert Oppenheimer, o chefe do laboratório de armas secretas no Projeto Manhattan e hoje conhecido como o pai da bomba atômica, a teria comparado com as lendárias armas divinas citadas nos épicos hindus antigos, citando a *Bhagavad Gita*: “Se a radiância de milhares de sóis fosse explodir nos céus ao mesmo tempo, este seria o esplendor do todo-poderoso...” (JUNGK, 1958). Pouco tempo depois do teste com o protótipo, o avião Enola Gay iria sobrevoar os céus japoneses e descarregar sua carga radioativa sobre os ares de Hiroshima.⁴

¹ Graduando do segundo semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. E-mail: Yvac95@gmail.com

² Citação retirada do documentário para televisão *The decision to drop the Bomb*, de 1965.

³ Dados do *Hiroshima day Committee* e de *Harry S. Truman presidential library and museum*.

⁴ HODDESON; HENRIKSEN; MEADE; WESTFALL, 1993.

A percepção inicial do lançamento das bombas atômicas no Japão por parte do público estadunidense foi surpreendentemente positiva: não somente uma parcela não insignificativa da população desejava por outros bombardeios nucleares no Japão (22,7%, segundo uma pesquisa da revista *Fortune*, feita no final de 1945); diversos jornalistas que tentaram noticiar as verdadeiras dimensões da catástrofe humanitária em Hiroshima e Nagasaki foram criticados pela opinião pública, isto quando não censurados e perseguidos pelo Governo estadunidense, como no caso de Wilfred Burchett, o primeiro jornalista a visitar a Hiroshima pós-bomba, que foi acusado de compactuar com “a propaganda japonesa”.⁵

Tal descaso para com o sofrimento humano não foi universal, nem, por sua vez, foram todas as reportagens sobre as mazelas provocadas pelo bombardeio nuclear censuradas: no dia 31 de agosto de 1946, um pouco mais de um ano depois do lançamento das bombas nucleares no Japão, uma edição inteira da revista *The New Yorker* foi dedicado ao trabalho jornalístico de John Hersey, que, em pouco mais de 30000 palavras, descreveu o horror e o caos criado pela bomba atômica na cidade de Hiroshima usando do ponto de vista de 6 sobreviventes.

John Hersey foi um jornalista e escritor americano, pai do chamado o Novo Jornalismo, que se baseia na criação de artigos e reportagens escritos usando técnicas narrativas da ficção, criando uma experiência de imersão na notícia mais direta para o leitor.

Entre suas obras mais famosas e consagradas, estão “A Chamada”⁶, uma biografia ficcional de David Treadup, um missionário protestante na China criado com base em seis missionários históricos que atuaram na China, “Um sino para Adano”⁷, um romance de guerra clássico que recebeu o prêmio Pulitzer em 1945, e seu trabalho jornalístico na recriação do dia do bombardeio nuclear em Hiroshima, nomeado de acordo com a cidade semidestruída que retrata.

Tal trabalho jornalístico, um dos mais emblemáticos e marcantes da história e, sem dúvidas, o mais famoso e influente da longa e produtiva carreira de John Hersey, provavelmente não teria sido possível sem o conluio de outros grandes jornalistas, estes sendo o próprio fundador da *The New Yorker*, Harold Hoss, e o editor William Shawn, que em seus 55 na *The New Yorker*, a viu receber a reputação de conceber as melhores reportagens já publicadas. De fato, entre os três, o esforço para manter o segredo sobre a reportagem foi tão

⁵ Mais sobre Wilfred Burchett pode ser encontrado em sua autobiografia: *At the Barricades: The Memoirs of a Rebel Journalist*, de 1980.

⁶ *The Call*, 1985.

⁷ *A Bell for Adano*, 1944.

grande que até mesmo o departamento comercial da revista estava às cegas, e assim o ficou até que a edição com a reportagem de Hersey fosse distribuída⁸.

Tal esforço pelo segredo não era de fato exagerado: o General MacArthur havia poucos meses antes ordenado o ocultamento e destruição de uma matéria jornalística de George Weller, ganhador do prêmio Pulitzer, sobre os estragos causados pela bomba *Fat man* em Nagasaki, e William Lawrence, repórter científico do *The New York Times*, escreveu artigos com falsidades sobre a natureza da radioatividade, negando os efeitos deletérios da radiação para a saúde e ajudando o Governo americano a esconder os efeitos mais cruéis de sua nova arma⁹.

A reportagem de Hersey foi escrita de modo a leitura ser calma e clara: até na descrição até dos mais abomináveis horrores que se podem flagelar um ser humano, o texto se mantém seco e metódico. De fato, esta foi a intenção de Hersey; em suas próprias palavras: “o estilo seco foi deliberado, e ainda acho que estava certo em adotá-lo. Uma maneira mais literária (de escrever) ou um show de compaixão teriam me adicionado à história como um mediador. Eu queria evitar tal mediação, para que a experiência do leitor fosse tão direta quanto fosse possível” (ROTHMAN, 1997)¹⁰.

Tal silêncio é algo deliberado, no entanto, e que não fere a reportagem no que realmente importa: criar empatia com os seis sobreviventes cujos relatos compõe a obra de Hersey, pelo contrário, ao fazer o leitor se indagar sobre os acontecimentos em Hiroshima, Hersey reforça a identificação do leitor com os sobreviventes, e nos revela que os tais são seres humanos, tão frágeis e confusos diante o terror da morte quanto qualquer outra pessoa – algo importante, pois no contexto do pós-guerra, muitos americanos ainda viam o povo japonês como inimigo, portanto reservando-lhes pouca compaixão, percepção esta que o governo estadunidense fez pouco para combater na época, e muito para reforçar nos anos anteriores¹¹.

Ao dar nomes e sentimentos as vozes dos seus entrevistados, e relatar seu sofrimento de maneira explícita, mas de certo modo removida, Hersey fez criou um ponto de identificação entre dois povos com muitas razões e incentivos para se odiar: de fato, um dos

⁸ Mais sobre a censura imposta pelos Estados Unidos quanto aos horrores provocados pelas bombas atômicas ao povo japonês pode ser encontrado em *The Hiroshima cover-up*, de Amy e David Goodman.

⁹ Por seus esforços em colaboração com as tentativas do governo estadunidense de suprimir a verdade sobre os efeitos destrutivos à longo prazo das bombas atômicas, Lawrence recebeu ele mesmo um prêmio Pulitzer em 1946. Certos setores do Jornalismo norte-americano pedem a revogação deste prêmio desde 2004.

¹⁰ BOYER, p. 208.

¹¹ Mitchell, Robert Jay Lifton & Greg (1995). *Hiroshima in America: fifty years of denial*.

sobreviventes cuja a narrativa é contada é um padre europeu em missão jesuíta no Japão, o que diminui a estranheira que a história poderia causar ao leitor ocidental.

Os seis sobreviventes: Kiyoshi Tanimoto, Hatsuyo Nakamura, Masakazu Fujii, Wilhelm Kleinsorge, Terufumi Sasaki e Toshiko Sasaki, tem suas histórias contadas em terceira pessoa ao longo de 5 capítulos, sendo o último destes, “Depois da catástrofe”, sido escrito quase 40 anos depois dos anteriores, após uma viagem subsequente de Hersey à Hiroshima para reencontrar os sobreviventes. Do primeiro capítulo, “Um clarão silencioso”, que retrata os primeiros momentos de confusão e desespero, em que a única causa conhecida para o todo o horror tenha sido “um tremendo clarão de luz que cortou os céus”, segundo as palavras do referendo Tanimoto, até o capítulo final, que conta o triste fim por envenenamento radioativo do padre jesuíta Wilhelm Kleinsorge (renomeado Makoto Takakura ao receber a cidadania japonesa), é possível sentir o miasma do desespero humano ante a cruel devastação nuclear, seja nos ferimentos que aleijaram a senhorita Toshiko Sasaki ou na destruição completa do patrimônio do doutor Masakazu Fujii, cujo o hospital de 30 quartos foi arrasado pelas ondas de choque da explosão.

A obra de Hersey acabou por ser um estrondoso sucesso, com todas as 300000 cópias iniciais da edição da *The New Yorker* em que foi lançada sendo vendidas rapidamente, com pedidos em escala nacional por uma reimpressão e exemplares sendo vendidos à vintenas de dólares (um valor notadamente absurdo numa época em que as edições de uma revista invariavelmente custavam por volta de 20 cents).

Embora a reportagem não tenha provocado mudanças na política do governo americano quanto ao uso e produção de novos dispositivos nucleares, gerou-se um incômodo público tão grande que o governo lançou uma resposta de maneira extraoficial à obra de Hersey na forma de uma matéria na revista *Harper's*, intitulada “A decisão de usar a Bomba Atômica”, assinada pelo ex-secretário de Guerra do presidente Truman, Henry Stimson.

O legado deixado por *Hiroshima*, de John Hersey, é um dos mais influentes na área do Jornalismo até mesmo nos dias atuais, e a leitura de seus parágrafos metódicos é não somente uma recomendação para os interessados na área da comunicação de notícias, mas quase uma obrigação: muito se pode apreender com o trabalho claro e sensível de Hersey e o seu cuidado para com a percepção e a interação do leitor com a notícia.

Bibliografia

- ATOMIC ARQUIVE. **J. Robert Oppenheimer “Now i am become death...”**. Disponível em <<http://www.atomicarchive.com/Movies/Movie8.shtml>> Acesso em: 23 de abril de 2019;
- BHAGAVAD GITA. **The Universal Form**. Disponível em <<https://www.asitis.com/11/12.html>> Acesso em: 23 de abril de 2019;
- BOYER, Paul. **By the Bomb's Early Light**. New York: Pantheon, 1985;
- GOODMAN, Amy; GOODMAN, David. **The Hiroshima cover-up**. Disponível em <<http://web.archive.org/web/20140326071329/http://www.commondreams.org/views05/0805-20.htm>> Acesso em: 22 de abril de 2019;
- HARRY S. TRUMAN PRESIDENCIAL LIBRARY AND MUSEUM. **The Decision to drop the Atomic Bomb Research File**. Disponível em <https://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/bomb/large/documents/index.php?pagenumber=42&documentid=65&documentdate=1946-06-19&studycollectionid=abomb&groupid=>> Acesso em: 22 de abril de 2019;
- HERSEY, John. **Hiroshima**. John Hersey; Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2002;
- HIROSHIMA DAY COMMITTEE. **HIROSHIMA E NAGASAKI BOMBING**. Disponível em <http://www.hiroshimacommittee.org/Facts_NagasakiAndHiroshimaBombing.htm> Acesso em: 23 de abril de 2019.
- HODDESON, Lillian; HENRIKSEN, Paul W.; MEADE, Roger A.; WESTFALL, Catherine L. (1993). **Critical Assembly: A Technical History of Los Alamos During the Oppenheimer Years**. New York: Cambridge University Press, 1943–1945;
- JUNGK, Robert (1958). **Brighter than a Thousand Suns: A Personal History of the Atomic Scientists**. New York: Harcourt Brace, 1958;
- LICOLINS, Thiago. **Brahmanastra, a bomba atômica dos deuses**. Disponível em <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/religiao/brahmastra-bomba-atomica-deuses.phtml.>> Acesso em: 23 de abril de 2019.
- MITCHELL, Robert Jay Lifton & Greg (1995). **Hiroshima in America: fifty years of denial**. New York: Putnam, 1995;
- ROTHMAN, Steve. **The publication of Hiroshima in The New Yorker**. Disponível em: <<http://www.herseyhiroshima.com/hiro.php>> Acesso em: 23 de abril de 2019.